



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

Luzia Maria Pereira dos Santos

**SÍNDROME DE DOWN E LEITURA: UMA CONTRIBUIÇÃO  
PSICOPEDAGÓGICA**

Orientador (a): Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Geovani Soares de Assis

JOÃO PESSOA

2017

LUZIA MARIA PEREIRA DOS SANTOS


SÍNDROME DE DOWN E LEITURA: UMA  
CONTRIBUIÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dra. Geovani Soares de Assis

Aprovado em: 29 / 05 / 2017.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Geovani Soares de Assis (Orientadora)  
Universidade Federal da Paraíba

  
Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> Marcia Paiva de Oliveira (Membro)  
Universidade Federal da Paraíba

S237s Santos, Luzia Maria Pereira dos.

Síndrome de Down e leitura: uma contribuição psicopedagógica /  
Luzia Maria Pereira dos Santos. – João Pessoa: UFPB, 2017.

26f.

Orientadora: Geovani Soares de Assis

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em  
Psicopedagogia) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de  
Educação

1. Síndrome de Down. 2. Leitura. 3. Aprendizagem. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 028(043.2)

## **SÍNDROME DE DOWN E LEITURA: UMA CONTRIBUIÇÃO PSICOPEDAGÓGICA**

### **RESUMO**

A aquisição da leitura é dividida em estágios, o sujeito com Síndrome de Down possui uma maior dificuldade para passar de uma fase para outra, gerando um atraso na aprendizagem, o psicopedagogo por sua vez vai intervir de modo direto, simples e eficaz. O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa de modo descritivo, que se remete a um estudo de caso, em que pretendeu conhecer as contribuições psicopedagógicas para o desenvolvimento da leitura de uma adolescente com SD. Para a realização do estudo de caso, fizemos uso de entrevistas com professores da adolescente e testes avaliativos aplicados a participante, uma jovem com dezesseis anos de idade, estudante do 6º ano do ensino fundamental II, advinda de uma escola estadual. Os resultados obtidos com os instrumentos utilizados ofereceram esclarecimentos sobre as dificuldades enfrentadas pela adolescente para a aquisição da leitura, subsidiando a pesquisadora na construção do quadro interventivo.

**Palavras-chave:** Síndrome de Down. Leitura. Psicopedagogia.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo trata-se de uma contribuição para os profissionais da Psicopedagogia, que por ventura em sua caminhada se deparam com sujeitos com Síndrome de Down, e que conseqüentemente sofrem com a dificuldade de leitura, foi realizado um estudo de caso com uma adolescente, que se encontra no sexto ano do ensino fundamental, não alfabetizada, obtendo todo o processo avaliativo descrito no decorrer da pesquisa, incluindo a sugestão de um quadro interventivo, em que suas atividades estão de acordo com a necessidade exposta pela adolescente. Partindo deste fator, obteve-se o interesse de saber como o psicopedagogo poderia ajudar a essas pessoas, trazendo essa pesquisa como um norte para esses profissionais.

A Síndrome de Down (SD) tem como uma de suas principais conseqüências à deficiência intelectual. Compreende aproximadamente 18% do total de deficientes em instituições especializadas. A incidência da SD em nascidos vivos é de 1 para cada 600/800 nascimentos, tendo uma média de 8.000 novos casos por ano no Brasil. (MOREIRA; EL-HANI, GUSMÃO, 2000 *apud* SILVA; KLEINHANS, 2006).

A deficiência intelectual é a única característica presente em todos os casos decorrentes da SD (ANTONARAKIS et. al., 2004 *apud* LUIZ et. al., 2008).

A deficiência intelectual não é considerada uma doença ou um transtorno psiquiátrico, e sim um ou mais fatores que causam prejuízo das funções cognitivas que acompanham o desenvolvimento diferente do cérebro. (HONORA; FRIZANCO, 2008, p. 103 *apud* TÊDDE, 2012).

É necessário ao psicopedagogo que irá trabalhar com o Down, obter conhecimentos na área do desenvolvimento da leitura. A partir disto, surge o seguinte questionamento: Quais as contribuições da Psicopedagogia para o desenvolvimento da leitura de uma criança/adolescente com SD?

Crianças ditas “comuns” aprendem a ler por meio de palavras inteiras ou visualizando um correspondente, logo após progridem para uma abordagem alfabética ou fônica. Decorrente da deficiência intelectual, a criança com SD progride consideravelmente neste primeiro estágio da leitura, mas frequentemente permanecem no mesmo por mais tempo que os seus colegas, e também possuem uma dificuldade maior para passar do estágio alfabético.

Buckley (1985 *apud* MARTINS; MICHALICK; POLLO, 2006) enfatiza que as crianças com SD possuem uma maior facilidade na aprendizagem da leitura no estágio pré-alfabético, pois, tiram proveito de suas habilidades visuais e espaciais, aprendendo a ler visualmente.

Para um desenvolvimento mais eficaz é de extrema importância o acompanhamento do psicopedagogo. Existe a necessidade deste profissional para modular todo o método de ensino: Selecionar o material didático adequado, metodologia adaptada, atividades e provas compatíveis com a capacidade da criança. O psicopedagogo deve buscar meios de avaliar e observar os sintomas para assim, criar um plano de intervenção.

A principal finalidade deste trabalho é conhecer as contribuições psicopedagógicas para o desenvolvimento da leitura de uma adolescente com SD através de um estudo de caso. Pretende-se avaliar especificamente o aprendizado na leitura da adolescente do caso, analisar as dificuldades de leitura apresentadas a partir dos testes aplicados e traçar um plano de intervenção psicopedagógico.

O presente estudo trará contribuições para os psicopedagogos que trabalham com crianças e adolescentes com SD, para que consigam entender melhor como se dá o desenvolvimento dos mesmos, e a partir de então possam intervir com eficácia de modo a favorecer o desenvolvimento da criança/adolescente.

É necessário que a sociedade compreenda que a criança Down com a ajuda de profissionais da Psicopedagogia, Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia entre outros profissionais, poderá evoluir e aprender, embora a sua aprendizagem seja mais lenta, e necessite da aplicação de outros métodos.

## **2 SÍNDROME DE DOWN**

A Síndrome de Down é caracterizada por um erro na distribuição dos cromossomos das células, a SD apresenta um cromossomo extra no par 21, que provoca desequilíbrio da função reguladora que os genes exercem sobre a síntese de proteína. Esse excesso de carga genética e caracterizará o indivíduo ao longo de sua vida. É evidente que as características se divergem de pessoa para pessoa (MUSTACCHI; ROZONE, 1990; BATSHAW, 1998; SCHWARTZMAN, 1999; FIDLER, 2005; MOELLER, 2006 *apud* SILVA; KLEINHANS, 2006).

Geralmente, a identificação do indivíduo com esta Síndrome é feita na ocasião do nascimento ou logo após, pela presença de várias características físicas. O diagnóstico pré-natal também pode ser utilizado com o uso de testes sanguíneos em que são colhidas amostras da mãe para a investigação sorológica e citogenética. A combinação de testes sorológicos e ultrassonografia podem chegar a um alto índice de acerto, evitando a amniocentese (ROIZEN; PATTERSON, 2003 *apud* SILVA; KLEINHANS, 2006).

De acordo com (MUSTACCHI; ROZONO 1990, MOELLER 2006 *apud* SILVA; KLEINHANS, 2006) os bebês com Síndrome de Down podem apresentar algumas ou muitas das características, como todas as crianças, eles também se parecerão com seus pais, uma vez que herdam os genes destes, apresentarão características diferentes entre si, como: cor dos cabelos e olhos, estrutura corporal, padrões de desenvolvimento, habilidades, dentre outras.

Segundo Bassani (2012) pessoas com Síndrome de Down possuem dificuldades na fala que são causadas por fatores físicos e ambientais. São eles:

- a) Alteração no alinhamento dos dentes;
- b) Atraso geral no desenvolvimento motor, cognitivo e emocional.
- c) Palato ogival com tendência a fenda;
- d) Maior frequência de perda auditiva;
- e) Pouca memorização, habilidade de imaginação, generalização e raciocínio;
- f) Dificuldade de sintetização e problemas na estruturação sintática.

As crianças com a SD caracterizam-se com um atraso no seu desenvolvimento motor e mental, conseqüentemente a criança Down, acarretará uma deficiência intelectual, e para que seja gerado algum desenvolvimento a criança necessitará de acompanhamentos e estimulações de profissionais como psicólogos, psicopedagogos, pedagogos, entre outros dependendo da demanda.

## 2.1 LEITURA E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA DOWN

A leitura é denominada como uma atividade complexa, em que estão relacionados diferentes aspectos, tais como: a identificação das letras, o reconhecimento das palavras e de

seus significados, bem como interação sintática e semântica (HOOVER; TUNMER, 1993 *apud* GUIMARÃES, 2010). A especificidade da leitura tem a competência de reconhecimento das palavras escritas, isto é, a aptidão de identificação de cada palavra como forma ortográfica que tem um significado e lhe atribui uma pronúncia (MORAIS, 1996 *apud* GUIMARÃES, 2010).

O processo de leitura por muitos anos foi rotulado por uma “Dupla Rota”, por meio de um processo visual direto denominado rota lexical ou indireto, pela mediação da fonologia que é a rota fonológica. Coltheart (2005 *apud* GUIMARÃES, 2010) enfatiza que a rota lexical é responsável pela leitura de palavras familiares. Enquanto a consciência fonológica entende-se que é um conjunto de habilidades que vão desde a simples percepção global do tamanho da palavra e de semelhanças fonológicas entre as palavras até a segmentação e manipulação de sílabas e fonemas (BRYANT; BRADLEY, 1985 *apud* LOPES, 2014).

Entrando na realidade de crianças com SD, inevitavelmente muitos professores acham a ideia de incluir alunos com deficiência em suas classes preocupantes e ficam apreensivos, a princípio pelo fato de ser apenas ele para lidar com toda turma e ainda dar conta de uma criança que possui uma dificuldade de aprendizagem e o seu ritmo geralmente é diferente das demais crianças de sua classe. Porém, a experiência demonstra que a maioria dos professores têm as ferramentas necessárias para entender as necessidades específicas destas crianças e são capazes de modular o seu método de ensino, e ensiná-los efetivamente e com sensibilidade tornando mais eficaz o seu método. Podendo necessitar da ajuda de uma equipe multidisciplinar (psicopedagogo e psicólogo) para facilitar o processo ensino-aprendizagem.

De acordo com Ferrero (1986, *apud* LIMA, 2015) é relevante que os professores tenham sempre em mente que o desenvolvimento da leitura começa antes da escolarização, na vida social da criança, para que seja possível desempenhar melhor o trabalho, o alfabetizador é um observador ativo de um processo espontâneo instigando a criança a pensar, raciocinar sobre soluções que elas considerem aceitáveis.

De acordo com Martins (2002) no processo de alfabetização, a aprendizagem de pessoas com Síndrome de Down ocorre de forma mais lenta, quando comparada a pessoas sem qualquer deficiência, principalmente quando não existe o acompanhamento de um profissional. As dificuldades mais comuns são: manter a atenção e continuar com a atividade específica; reter informações; situar estas informações no tempo e no espaço; elaborar um pensamento abstrato. Portanto, todo o aprendizado deve ser estimulado a partir do concreto,



sem pular etapas, necessitando de instruções visuais e situações reais, para que o estudante consolide suas aquisições (MARTINS, 2016).

Entrando efetivamente na área da leitura, vários estudos têm mostrado que a habilidade de crianças em idade pré- escolar de prestar atenção consciente aos sons da fala prevê o progresso que elas apresentam, na aprendizagem da leitura e da escrita (BRADLEY; BRYANT, 1983; BRYAN, et al, 1990; CARDOSO-MARTINS, 1995; LUNDBERG, et al 1988; WIMMER, et al, 1991 *apud* MARTINS; FRITH, 1999).

De acordo com Gough e Hillinger (1980, *apud* MARTINS; MICHALICK; POLLO, 2006) quando as crianças começam a ler, elas não processam relações entre as letras na grafia das palavras e os sons na sua pronúncia. Elas aprendem a ler através da associação entre alguma característica na grafia e o seu significado, como por exemplo, COCA-COLA, essa estratégia de aprendizagem se chama estratégia logográfica. A mesma é imprecisa como, por exemplo, não possibilita a leitura de palavras conhecidas. Decorrente a essas limitações se abre espaço para estratégia alfabética, assim a criança aprender a ler relacionando a letra ao som da palavra.

Ehri nos traz o passo a passo para aquisição da leitura, a começar do pré-alfabético que é a primeira fase adquirida, até, o alfabético consolidado que é quando a criança já possui a fluência na leitura. Sua teoria é dividida em quatro fases descritas e explicadas abaixo.

Teoria de fases de Ehri (1992 *apud* SARGIANE; ALBUQUERQUE 2016):

- a- Pré-alfabético:** É a fase em que as crianças conhecem pouco sobre o sistema de escrita às conexões que são formadas são visuais, fazem associações entre cores e formas no logo de marcas para reconhecer seu significado.
- b- Alfabético Parcial:** As crianças acumulam mais conhecimentos sobre o sistema de escrita e aprendem os nomes e sons da maioria das letras e passam a utilizar conexões fonológicas parciais para ler e escrever palavras, como a primeira e a última letra.
- c- Alfabético (mapear cada fonema):** As crianças são capazes de segmentar as palavras em seus fonemas constituintes e sabem as correspondências entre grafemas e fonemas, e assim podem ler e escrever todos os sons das palavras.
- d- Alfabético consolidado (leitor competente):** As crianças aprendem mais sobre padrões ortográficos maiores, como sílabas, morfemas e regras ortográficas, sendo assim capazes de ler e escrever palavras polissilábicas mais rápida e corretamente.

De acordo com a teoria de fases de Ehri (1992 *apud* MARTINS; MICHALICK; POLLO, 2002), o maior ímpeto para a utilização da estratégia alfabética é a aprendizagem do nome e do som das letras, segundo o mesmo a criança que conhece o nome e/ou som das letras utiliza esse conhecimento para ler palavras desde o início da aprendizagem da leitura.

### 2.3 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA

Segundo Porto (2006 p.107, *apud* TANZAWA; MARTINS; BRENNAN, 2011) “A Psicopedagogia é uma recente área de estudo, que se volta para atender pessoas que apresentam alguns problemas de aprendizagem.” Porto continua a dizer que “cabe à Psicopedagogia o objetivo de resgatar uma visão mais globalizante do processo de aprendizagem e dos problemas desses processos”.

O psicopedagogo em sua função pode desenvolver trabalhos hospitalares, clínicos, escolares e também, empresariais, trabalhando com observações, terapias, tratamentos clínicos, e orientação de professores, onde seu foco principal é a aprendizagem do ser humano.

Ausubel, nos fala sobre a aprendizagem significativa que é norteada pelos novos significados.

Também nos diz que:

A essência do processo de aprendizagem significativa é que as ideias expressas simbolicamente são relacionadas às informações previamente adquiridas pelo aluno através de uma relação não arbitrária e substantiva (não literal). Uma relação não arbitrária e substantiva significa que as ideias são relacionadas a algum aspecto relevante existente na estrutura do cognitivo do aluno, como, por exemplo, uma imagem, um símbolo, um conceito ou uma proposição. (AUSUBEL, 1980, p.34 *apud* DELABETHA; COSTA, 2014).

Bossa (1994 *apud* DANTAS; ALVES, 2011) salienta que a Psicopedagogia possui o objetivo de atender demandas de dificuldades de aprendizagem.

Sampaio (2014, p.20) traz como base para a avaliação de aprendizagem um RESUMO ESQUEMÁTICO PSICOPEDAGÓGICO, descrito abaixo:

1ª SESSÃO	Entrevista de contrato com os pais ou responsáveis.
-----------	---

2ª SESSÃO	E.O.C.A com o sujeito.
3ª SESSÃO	Aplicação das Provas Operatórias de Piaget
4ª SESSÃO	Aplicação das Provas Operatórias de Piaget
5ª SESSÃO	Aplicação das Técnicas Projetivas
6ª SESSÃO	Aplicação das Técnicas Projetivas
7ª SESSÃO	Aplicação das Provas pedagógicas, se necessário, ou outras.
8ª SESSÃO	Anamnese com os pais ou responsáveis
9ª OU 10ª SESSÃO	Devolução com os pais e o sujeito

QUADRO 1 – RESUMO ESQUEMÁTICO PSICOPEDAGÓGICO

Fonte: Sampaio (2014, p.20)

De acordo com (SAMPAIO, 2014) a entrevista contratual possui como objetivo ser um contrato que o profissional realiza com os pais ou responsáveis pelo sujeito que será avaliado. Colhendo dados pessoais e recebendo a demanda que eles trazem sobre o problema que o sujeito vem expondo, bem como expor sobre horários, passar-lhes uma base de quantidade de sessões, esclarecendo que devido à evolução apresentada poderá ocorrer alterações, fazer o enquadramento de horários e frequência. Colheremos apenas o que está acontecendo atualmente com o sujeito, não entraremos no seu histórico, já que isso ocorrerá mais na frente no decorrer nas sessões, com a anamnese.

Bossa (2007 *apud* WEISS, 2013) salienta que a Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA) se trata se um instrumento que foi inspirado na psicologia social de Pichon-Rivière, na escola de Genebra é que foi idealizado por Jorge Visca. “Em todo momento, a intenção é permitir ao sujeito construir a entrevista de maneira espontânea. Interessam observar seus conhecimentos, atitudes, destrezas, mecanismos de defesas, ansiedades, áreas expressão da conduta, níveis de operatividade, mobilidade horizontal e vertical etc”. (VISCA *apud* WEISS, 2007, p.57).

Segundo Sampaio (2014) deve-se observar alguns aspectos que são importantes para fornecimento de hipóteses para serem verificadas no diagnóstico.

- a) **A temática:** Tudo o que o sujeito diz;
- b) **A dinâmica:** Tudo o que o sujeito faz;
- c) **O produto:** Tudo o que o sujeito deixa no papel.

Utiliza-se de testes Piagetianos como “As provas operatórias de Piaget” para descoberta do nível cognitivo em que a criança SD se encontra, tais níveis foram separados em estágios.

Sampaio (2014) traz que as Provas Operatórias de Piaget permitem a investigação do nível cognitivo do sujeito, se a criança encontra-se em atraso em relação a sua idade cronológica.

Para Goulart (2005 *apud* SOUZA; WECHSLER, 2014), a natureza dos estudos de Piaget nos informa que ao observarmos a maneira com que o conhecimento se desenvolve nas crianças, podemos entender melhor o desenvolvimento cognitivo humano. Suas pesquisas sobre a epistemologia genética e a psicologia do desenvolvimento tinham o objetivo de entender como o conhecimento evolui. Com isso, conseguimos compreender que estudar o desenvolvimento humano, dentro dessa perspectiva, possibilita conhecer as características de cada faixa etária, em cada etapa da vida (denominadas “estágios”). Segundo Moreira (1999, *apud* SOUZA; WECHSLER, 2014), o desenvolvimento cognitivo do sujeito ocorre por meio de estágios, que são nomeados por: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e formal.

O estágio **sensório-motor** se inicia ao zero mês e é prolongando até os 18 meses. No decorrer desta faixa etária, a criança desenvolve uma inteligência prática, ou seja, uma inteligência realizada através das percepções e dos movimentos, com uma coordenação sensório-motora, sem o uso propriamente dito do pensamento. Esta inteligência resolve alguns problemas de ação, como por exemplo, alcançar objetos afastados ou escondidos, entre outros. (GOULART, 2005 *apud* SOUZA; WECHSLER, 2014).

De acordo com Goulart (2005 *apud* SOUZA; WECHSLER, 2014), o estágio **pré-operatório**, que corresponde à faixa etária de dois anos até aproximadamente sete anos de idade. Neste estágio, é quando a criança desenvolve a linguagem. Assim, o sujeito se socializa mais, pois consegue comunicar-se com os demais (chamada por Piaget de socialização da ação).

O período **operatório-concreto** ocorre aproximadamente entre a faixa etária dos sete aos onze anos. Segundo Coutinho (1992 *apud* SOUZA; WECHSLER, 2014), no decorrer deste estágio, o indivíduo adquire vários conhecimentos, como a capacidade de conservações de número, ou as operações que são referentes à conservação física: peso, volume e substância.

Frank (1939 *apud* PINTO, 2014) salienta que as técnicas projetivas abria o acesso ao mundo dos sentidos, significados, padrões e sentimentos, esclarecendo tudo àquilo que o sujeito não pode ou não quer dizer, frequentemente por não se conhecer bem. Sampaio (2014) mostra que as técnicas projetivas têm como objetivo analisar os vínculos do sujeito com a: escola, a família e consigo mesmo.

Segundo Sampaio (2014) a aplicação das Provas pedagógicas, é realizado apenas se houver necessidade, dependendo da demanda, se o sujeito necessitar de uma avaliação mais ampla.

A anamnese tem como objetivo entrevistar os pais ou responsáveis pelo sujeito, para resgatar seu histórico de vida, com a intenção de colher informações importantes que possam clarear fatos durante o diagnóstico das avaliações, a anamnese é uma das peças fundamentais para o quebra-cabeça (SAMPAIO, 2014).

A devolução é uma comunicação verbal feita com o responsável ou os pais e o sujeito, sobre os resultados obtidos por meio da investigação realizada.

Logo após o diagnóstico concluído, irá se elaborar a intervenção, no caso do psicopedagogo institucional será elaborada uma adaptação curricular, para metodologia dos assuntos aplicados, atividades e correspondentes provas, materiais entre outros. Já o psicopedagogo clínico elaborará um quadro interventivo com as atividades propícias para o caso.

Adaptações curriculares são definidas como: respostas educativas que devem ser oferecidas pelo sistema educacional, que favoreça a todos os alunos ali inseridos e, dentre estes, os que apresentam qualquer tipo de necessidades especiais (BRASIL, 2000).

É uma forma de estratégia elaborada pelo psicopedagogo para facilitar a aprendizagem do sujeito, inclusive que possui SD, já que uma de suas características é a deficiência intelectual.

### 3 MÉTODO

#### 3.1 DELINEAMENTO

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa de modo descritivo, que se remete a um estudo de caso:

Assis (2015, p. 27) ao apresentar os procedimentos de coleta, afirma que o estudo de caso é uma “pesquisa que investiga de forma profunda um ou poucos objetos significativos de um contexto específico, que seja satisfatório para análise e compreensão de um fenômeno.” Portanto, fica evidenciado que o estudo ora apresentado tratar-se de um estudo de caso, se coadunando com o pensamento citado.

Quanto aos objetivos, trata-se de um estudo caracterizado como descritivo e exploratório, pois tenta-se explicitar as ideias com vistas a oferecer uma visão geral do fenômeno pesquisado além de descrever as características do mesmo.

Em relação à análise de dados, recorreremos à análise dos instrumentos utilizados, de forma qualitativa, em função dos resultados que foram apresentados. A nossa intenção foi buscar entender as dificuldades apresentadas e assim, poder construir um plano de intervenção.

#### 3.2 PARTICIPANTE

A.A.M.S, é uma adolescente com dezesseis anos de idade, que possui Síndrome de Down, estudante de uma escola estadual, repetente do 6º ano do ensino fundamental, ela não possui uma apoiadora dentro de sala, dificultando ainda mais a sua aprendizagem. A mesma mora com o pai, a madrasta, duas irmãs e um sobrinho. Foi levantada a demanda pela madrasta da adolescente, com queixa de leitura. Foi informando que a A.A.M.S não consegue ler nenhuma palavra, ou seja, não possui consciência fonológica, e não existe o auxílio especial devido da escola, ela frequenta a sala de recursos por duas vezes na semana, mas não se obtém nenhum tipo de evolução no seu quadro.

Na tentativa de compreender com mais profundidade o desempenho da adolescente, entrevistamos sete professores, que se dispusera a colaborar com a pesquisa, os professores de português, matemática, história, geografia, ciências e educação física, como também a pedagoga responsável pela sala de recursos.

### 3.3 INSTRUMENTOS

Para levantamento dos dados, foram utilizados os seguintes instrumentos:

**Questionário:** O questionário possui a intenção de descobrir como se encontra o desenvolvimento da criança do caso dentro da escola, sua interação com alunos e professores e a metodologia utilizada pelos seus professores dentro da sala de aula.

**Anamnese:** A anamnese é um instrumento que se trata de uma entrevista com os pais ou responsáveis pelo entrevistado, a anamnese tem como objetivo coletar dados e resgatar a história de vida, que possam esclarecer fatos que possam ajudar a esclarecer a demanda. A anamnese é uma das peças fundamentais para observarmos a visão da família sobre a história da criança, a afetividade do ambiente familiar, as expectativas postas nos sujeito desde o seu nascimento, os preconceitos e críticas. (SAMPAIO, 2014)

**EOCA:** Segundo Sampaio (2014) a EOCA é a primeira sessão realizada com o sujeito em uma avaliação, à mesma possui o objetivo de investigar os vínculos que ela possui com os objetos e os conteúdos da aprendizagem escolar, como enfrenta os desafios, observar suas defesas. Visa observar o que a criança aprendeu e o que a criança sabe fazer.

**Provas Operatórias de Piaget:** Segundo Visca (1995 *apud* SAMPAIO, 2014) a aplicação das provas operatórias tem como objetivo determinar o nível de pensamento do sujeito realizando uma análise quantitativa, e reconhecer as diferenças funcionais realizando um estudo predominantemente qualitativo. A sua aplicação também nos permite investigar o nível cognitivo em que a criança se encontra e se há defasagem em relação a sua idade cronológica. (SAMPAIO, 2014)

**Alfabeto Móvel:** O alfabeto móvel tem o objetivo de auxiliar na alfabetização do aluno, e sua introdução à leitura, para formação de palavras, compreender que para aprender é preciso refletir sobre os sons e não apenas sobre o significado das palavras, letra inicial, letra final, desenvolver a consciência fonológica, compreender que se trocarmos uma letra transformará uma palavra em outra palavra.

### 3.4 PROCEDIMENTO

Nesta pesquisa foi exposta toda a avaliação feita, que se utilizou de uma entrevista com os professores da adolescente e também testes avaliativos. A partir dos resultados da avaliação foi construído o quadro de intervenção, levando em consideração que a parte

interventiva não será descrita neste trabalho, sendo necessário utilizar-se de um tempo maior para sua realização completa.

Para a execução da pesquisa, inicialmente foi apresentado ao responsável pela criança o Termo de consentimento Livre e Esclarecido, construído com base na Resolução 510/16, do Conselho Nacional de saúde, que trata de pesquisa com seres humanos, através do qual foi autorizada a participação da criança no estudo.

Iniciamos a pesquisa com uma visita à escola da adolescente com o intuito de conversar com seus professores e com a pedagoga responsável pela sala de recursos, com vistas à realização de entrevistas, agendadas previamente, com base no roteiro (APÊNDICE A E ANEXO A), a fim de melhor entender as dificuldades de aprendizagem apresentadas pela aluna.

Cada sessão obtinha o tempo limite de 45min, uma vez por semana. Em seguida foi aplicado a Anamnese com o pai da adolescente na qual algumas perguntas o mesmo não soube responder obtendo a ajuda de sua filha mais velha, já que a mesma é órfã de mãe. Os testes seguintes foram realizados semanalmente, duas vezes por semana com duração de uma hora de atendimento. Prosseguindo com os testes, aplicamos a EOCA, foram colocados todos os objetos da maleta no chão e solicitado que ela mostrasse o que ela sabia fazer, mas antecedendo foi perguntado se ela sabia o porquê estava ali. Após a aplicação da EOCA no outro atendimento demos início a aplicação das Provas Operatórias de Piaget que chegou a durar apenas uma sessão, partimos para o último teste avaliativo o Alfabeto Móvel em que espalhamos as letrinhas pelo tapete de EVA, e foi solicitado que a adolescente pegasse cada letrinha que reconhecia e falasse seus correspondentes nomes.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A entrevista e os testes avaliativos foram aplicados na seguinte sequência: Entrevista com os professores, anamnese, EOCA, provas operatórias de Piaget e alfabeto móvel.

Começando com a entrevista foram entrevistados os professores de Português, Matemática, História, Geografia, Ciências e Educação Física. Em 100% as respostas foram as mesmas, todos falavam das mesmas dificuldades, do mesmo ritmo de trabalho e aprendizagem.



Levando em consideração que as respostas dos professores foram semelhantes, abaixo será feito um resumo geral do que foi falado por eles, apresentado em forma de quadro.

<b>PERGUNTAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Como se dá o dia a dia professor-aluno?	A.A. é uma aluna que obedece, muito carinhosa, e que geralmente não dá trabalho, nos preocupamos com a sua condição, pois a mesma se encontra no 6º ano e não foi alfabetizada, fazendo com que nosso trabalho como professor perante a ela se torne restrito.
Como é o ritmo de aprendizagem de A.A dentro da sala de aula?	A.A. não evolui, seu ritmo é lento, ela apenas transcreve algumas palavras que está no quadro, e mesmo assim algumas vezes transcreve errado, o assunto é avançado para ela, consequentemente ela não consegue acompanhar a turma.
Como é o seu comportamento e sua interação com a turma?	Geralmente comportada, revida quando é provocada, ano passado foi muito complicado por sua sexualidade aflorada, mas nada que não pudesse ser contornado. A turma é bastante preconceituosa e a exclui de todas as atividades. (ressaltando a professora de Educação Física que descreveu que os alunos precisavam ser forçados para incluir ela em alguma atividade.) Todos citaram que era necessário à conscientização dentro da escola sobre o bullying e que é necessário incluir.
Qual o método de ensino utilizado?	Não existe diferença na metodologia, o que é ensinado para a turma também é passado para ela.
Existe adaptação curricular?	Não existe adaptação curricular em conteúdos, nem em atividades. A.A. não faz provas.
Existe motivação para o trabalho escolar?	Não existe motivação para as atividades, até porque, as mesmas não são adaptadas, então não existe compreensão e nem a possibilidade de resposta.
Qual é o seu ritmo de trabalho?	Lento.
Constância no esforço?	Sem esforço.
Qual a sua atitude frente à face de erros e/ou	Tolerante.

dificuldades?	
Resposta a mudanças na rotina de trabalho?	Normal, pois não existe compreensão.
Existe autonomia de trabalho?	Dependência de um adulto.
Faz trabalhos em grupo?	Não, possui dificuldade frente à turma, já que existe muito preconceito.

QUADRO 2 – RESUMO GERAL DAS FALAS DOS PARTICIPANTES.

Fonte: ALVAREZ, L; COMA, R. EAP B-28

Em conversa com a responsável pela sala de recursos, a mesma informou que A.A obtém atendimento duas vezes na semana, quando ela vai à escola, pois a mesma possui um grande número de faltas sem justificativa, nos momentos de atendimento ela colabora com tranquilidade e sem reações de negação. Segundo a pedagoga responsável pela sala de recursos, os professores não aceitam a adaptação curricular, por ser um trabalho a mais em sala de aula, já que a adolescente não possui um (a) apoiador (a). Esclarecendo que a única adaptação de atividades para a necessidade exposta acontece apenas na sala de recursos.

O fato dos seus professores fecharem os olhos para as dificuldades que a adolescente apresenta se torna ainda mais complicado o seu desenvolvimento. Como citado anteriormente à ajuda dos professores no caso de A.A, aceitando e realizando adaptações curriculares, seriam de grande valia para sua evolução, pois segundo o documento do MEC que trata da problemática (BRASIL, 2000) a adaptação curricular é uma estratégia que facilita a aprendizagem, seria uma forma de favorecê-la já que ela possui uma necessidade especial.

Após a visita a escola deu-se início as avaliações com os testes iniciando com a anamnese.

Na aplicação da anamnese foi analisado que A.A é uma criança que foi planejada, nasceu normalmente no nono mês, sem dificuldades na alimentação, dormia durante a noite toda, no seu desenvolvimento psicomotor, sentou aos seis meses, engatinhou aos sete meses e andou aos nove meses, aos quatro anos começou a se vestir sozinha, possui equilíbrio. Começou a falar com um ano e seis meses, e atualmente sua comunicação apresenta dificuldades decorrente da SD. Entrou na escola aos três anos, seu desempenho é com bastante dificuldade, mudava de escola com constância e apresenta dificuldade em todas as disciplinas, consequentemente necessita de reforço escolar. Troca e omite letras e sílabas na escrita e na leitura, não compreende o que se está escrito, não escreve corretamente, sua leitura não é espelhada, só identifica os numerais de 1 a 10.

Logo na anamnese foi exposta sua grande dificuldade na leitura e escrita, o que ajudou muito a já entender o grau de dificuldade apresentado, apesar de ter iniciado os estudos na idade correta, mas a pessoa com Down possui o atraso, devido a DI conforme exposto por anteriormente por Antonarakis (et. al., 2004 *apud* LUIZ et. al, 2008) quando ele expõe que o DI é uma característica do Down. Levando em consideração que a nos dias de hoje a deficiência intelectual não é considerada uma doença, e sim um ou mais fatores que causam prejuízo das funções cognitivas que acompanham o desenvolvimento diferente do cérebro (HONORA; FRIZANCO, 2008 *apud* TÉDDE 2012) conseqüentemente, provocando o atraso da aprendizagem.

Após a aplicação da anamnese com o pai da adolescente, foi dado encaminhamento ao quadro avaliativo com a aplicação da EOCA.

Na aplicação da EOCA ao colocar os objetos da maleta expostos, foi perguntado se ela sabia o porquê que estava ali, em contra partida sua resposta foi que não sabia, foi solicitado que ela nomeasse os materiais expostos, não conseguiu nomear todos, mas a grande maioria, em seguida foi solicitado que ela mostrasse o que saberia fazer com todos aqueles objetos que estavam no chão, ela preferiu desenhar, estava tímida e retraída, ao pintar ela não trocava as cores, logo após terminar o desenho pegou o lápis hidrocor e o cobriu por completo, e não conseguia cobrir em cima do traçado original. Quando não tinha mais o que desenhar pegou o livro, mas como não sabe ler apenas observava as figuras e balbuciava fingindo que estava lendo, foi perguntado do que se tratava a história que ela leu, e ela me respondeu que era sobre a vaquinha, visto que ela soube em decorrência das gravuras. Sua postura era curvada, relaxada e sua expressão vaga, sem demonstrar interesse.

Como exposto, no referencial Sampaio (2014) trás que na análise da EOCA deve-se observar a temática, a dinâmica e o produto. Esses aspectos foram observados e estão expostos acima.

Segundo o MANUAL PRÁTICO DO DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO (5ª edição), a partir do que foi realizado por A.A, foi identificado que ela é hipoassimilativa, que é quando o sujeito, é bastante tímido, quase não fala (no caso dela, só respondia o que lhe perguntava, às vezes apenas balançando a cabeça positivamente ou negativamente), não explora os objetos na mesa, e costuma querer ficar em uma mesma atividade. Não foi possível analisar o seu nível de escrita, pois ela não escreveu em nenhum momento, sua preferência foi apenas por desenhar e olhar as gravuras do livro. Como (VISCA

*apud* WEISS, 2007) trás, conseguimos observar sua postura, suas expressões de conduta e seus mecanismos de defesa.

Terminando a aplicação da EOCA foi realizada a aplicação das Provas Operatórias de Piaget. A aplicação das provas operatórias teve a intenção de descobrir o nível cognitivo que a A.A se encontra, com o intuito de nortear o quadro interventivo.

Na aplicação das provas operatórias de Piaget não conseguimos passar das provas de conservação. A prova de conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos disponibiliza dez fichas vermelhas e dez fichas azuis, cada uma com 2cm de diâmetro as fichas são colocadas a mesa de acordo com a imagem disponibilizada no roteiro, e a partir disto se começa a avaliação com alguns questionamentos, que também será representado a baixo em forma de quadros.

<b>PERGUNTAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
O que você pode me dizer sobre estas fichas?	São vermelhas e azuis, e estão uma do lado da outra.
Escolha uma cor que você goste mais.	Vermelha

QUADRO 3 – QUESTIONAMENTOS DAS PROVAS PIAGETIANAS.

Pede-se para que se coloquem sete fichas em frente ao entrevistado e deixe três de lado.

<b>PERGUNTAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Ponha as suas fichas na mesma quantidade que eu coloquei as minhas	A.A não conseguiu fazer o que foi solicitado, mesmo com inúmeras explicações de varias maneiras.
Então, temos a mesma quantidade de fichas azuis e vermelhas ou não?	Ela respondeu que tinha a mesma quantidade  Obs: as quantidades estavam diferentes, ela não teve a iniciativa de contar para saber se estavam iguais.

QUADRO 4 – QUESTIONAMENTOS DAS PROVAS PIAGETIANAS.

Segundo o roteiro não se pode continuar a aplicação das provas até que a criança perceba que a tem a mesma quantidade nas fileiras. Fator que a adolescente não conseguiu compreender mesmo depois de muitas explicações. Mostrando que a mesma ainda não tem noção de conservação.

A.A encontra-se no nível 1 que é o nível não conservador, que estaria dentro do padrão para crianças de até quatro/cinco anos, mas A.A possui dezesseis anos.

Mostrando o quanto o seu nível cognitivo está atrasado encontrando-se no estágio pré – operatório que segundo Goulart (2005 *apud* SOUZA; WECHSLER, 2014) corresponde à faixa etária de dois anos até aproximadamente sete anos de idade. É neste estágio que se desenvolve a linguagem.

Partindo para a aplicação do alfabeto móvel obtivemos os seguintes resultados:

Na aplicação do alfabeto móvel foi comprovado o que foi dito pela madrastra da adolescente, que em uma conversa informal falou que A.A. só reconhecia até a letra “J”. Ela foi pegando as letrinhas que estavam espalhadas pelo tapete e me dizendo como se chamava, pegou apenas as que ela reconhecia, e as outras deixou no mesmo local, mostrando que a sua consciência fonológica não é completa e ainda não existe a junção, grafema, fonema.

A partir deste resultado foi feito a análise segundo as Fases de Ehri visto que a mesma não reconhece nem todas as letras do alfabeto, consequentemente não se ler nenhuma palavra, avaliando que a mesma encontra-se na fase pré-alfabética.

Como citado anteriormente, segundo Ehri (1992 *apud* SARGIANE; ALBUQUERQUE 2016) a fase pré – alfabética é a fase que as crianças fazem conexões visuais, conhecem pouco sobre a escrita, suas associações se dão por cores, formas e logomarcas.

A partir dos resultados obtidos, foi feita a análise e a partir disto foi montado o quadro interventivo contendo dez sessões, esclarecendo que a sequencia poderá sofrer alterações dependendo da evolução do quadro da adolescente, levando em consideração que só passaremos de uma fase para a outra depois que ela aprender o que lhe está sendo passado.

O quadro interventivo foi dividido em três etapas: A 1ª; 2ª e a 3ª sessão para consciência fonológica (rima e aliteração), a 4ª, 5ª, 6ª e 7ª sessão para método fônico e por fim a 8ª, 9ª e a 10ª sessão para segmentação silábica.

SESSÃO	ATIVIDADE	OBJETIVO	MATERIAL
1ª	1- (Aliteração), ligar as figuras que começam	Compreender a semelhança dos sons	1-EVA, imagens, e barbante.

	com o mesmo som. 2-Circular as figuras que começam com o mesmo som.		2-Folha de A4 e canetinhas coloridas.
2ª	1-(Rima) Falar em voz alta o nome da figura e colar abaixo a que rima com a figura do modelo	Compreender a semelhança dos sons.	Cartolina, EVA e cola.
3ª	Aplicativo Alfabeto Melado.	Associação da letra ao objeto, e aprender a escrita da letra correspondente.	Tablet
4ª	Aplicativo Alfabeto Melado.	Associação da letra ao objeto, e aprender a escrita da letra correspondente.	Tablet
5ª	Ligar as palavras que começam com a vogal correspondente.	Associação da letra ao objeto, e aprender a escrita da letra correspondente.	Cartolina, canetinhas coloridas e barbante.
6ª	Ligar as palavras que começam com a vogal correspondente.	Associação da letra ao objeto, e aprender a escrita da letra correspondente.	Cartolina, canetinhas coloridas e barbante.
7ª	Ligar as palavras que começam com a vogal correspondente.	Associação da letra ao objeto, e aprender a escrita da letra correspondente.	Cartolina, canetinhas coloridas e barbante.
8ª	Aplicativo Silabando	Formação de sílabas	Tablet
9ª	Aplicativo Silabando	Formação de sílabas	Tablet
10ª	Aplicativo Silabando	Formação de sílabas	Tablet

QUADRO 5 – QUADRO INTERVENTIVO SUGERIDO.

Portanto partindo da elaboração deste quadro interventivo que foi sugerido, espera-se que possa nortear os psicopedagogos que vão trabalhar com pessoas com dificuldade na leitura, trazendo clareza e especificidade para um melhor resultado desenvolvimento do sujeito.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi analisado nesta pesquisa e segundo a afirmação de Antonariks a deficiência intelectual é uma característica da SD, entende-se que os atrasos cognitivos expostos pela síndrome poderão ser por este fator, trazendo como consequência a dificuldade na leitura apresentado pela adolescente que participou da pesquisa.

Segundo o que foi compreendido com a pesquisa a leitura tem a capacidade de identificar as palavras como uma forma ortográfica que possuem significado. Partindo deste ponto para a aquisição da leitura é necessário à associação grafema – fonema, para o entendimento mais claro e preciso, dificuldade que evidenciamos pela análise realizada.

O principal papel da Psicopedagogia é atender a uma demanda de dificuldades de aprendizagem. O psicopedagogo a partir de suas avaliações, ao descobrir a fase da leitura (FASES DE EHRI) que a criança se encontra e seu nível cognitivo, fica mais fácil para poder trabalhar com ela. As outras avaliações necessárias, vão partir de cada tipo de demanda/queixa. Trazendo para a realidade exposta na pesquisa, a partir do momento que se encontrou em que fase da leitura, e em que nível cognitivo a participante se encontrava, foi o norte para a compreensão do caso, para entender como o psicopedagogo iria trabalhar e para a realização do quadro interventivo.

Intervir nas dificuldades de aprendizagem se torna necessário, a princípio, uma avaliação psicopedagógica, considerando-se todas as características expostas pela demanda, a fim de tomar decisões que visam promover o desenvolvimento do aprendente, superando ou reduzindo as dificuldades detectadas.

Para a realização desta pesquisa dificuldades foram encontradas no que tange as sessões avaliativas, pois, sempre existia alguém da família entrando no ambiente, querendo ver o que estava acontecendo, opinando, e tentando ajudar nas respostas, por mais que ficasse claro que isso não poderia acontecer. Para uma perfeita avaliação é necessário que haja uma compreensão da família, responsável ou de quem estiver por perto, que se necessita de uma particularidade para que não haja distrações, atrapalhando o processo avaliativo.

Por diversas vezes a escola solicitou à família o laudo de um neuropsicólogo atualizado para que obtivéssemos mais informações, levando em consideração que a família ofereceu apenas um atestado de um clínico geral no ano de 2012, contendo apenas a informação de que a adolescente possui SD, sendo totalmente dependente de seus familiares.

Assim, segundo as avaliações realizadas, o seu nível cognitivo não condiz com sua idade cronológica, sua cognição se encontra no nível pré-operatório que é para crianças de dois a sete anos de idade, e seu nível de leitura é o pré – silábico, tendo em vista que a mesma só faz associações com imagens e não consegue fazer a leitura de nenhuma palavra. Os resultados foram de total valia, e o suficiente para que se conseguisse chegar ao que precisava para o planejamento da intervenção. Partindo destes resultados foi elaborado o quadro interventivo estando de acordo com as necessidades e dificuldades expostas.

A finalidade desta pesquisa foi esclarecer como o psicopedagogo pode e deve trabalhar com a dificuldade de leitura do Down, alcançando todos os objetivos expostos, apesar dos entraves encontrados.



## ABSTRACT

Reading skills are acquired gradually. An individual with Down Syndrome has greater difficulty to pass from one step of knowledge to the next, and this fact generates a delay in learning process. The psychoeducator, therefore, should intervene directly, simply and effectively. This study is a qualitative research and uses description and case study with the pretension of understanding the psychopedagogical contributions to the development of reading skills of a teenager with DS. For the execution of this case study, interviews were conducted with some of the adolescent's teachers and evaluation tests were applied to the research participant: a sixteen year old female student of the 6<sup>th</sup> grade of Elementary School, enrolled in a state school. The obtained results provided clarifications on the difficulties faced by the teenager to acquire reading and subsidized the research for the construction of the interventional framework.

**Key words:** Down Syndrome. Reading. Psychopedagogy.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Geovani Soares de. **Contribuição da Pesquisa à Docência em Ciências Biológicas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

BASSANI, Cecília da Silva. **Á Síndrome de Down e as dificuldades de aprendizagem**. Disponível em: <<http://www.pixfolio.com.br/arq/1401280042.pdf>>. Acesso em: 31/08/2016.

BRASIL. MEC/SEESP. **Práticas educativas: adaptações curriculares**. 2000. Disponível em: <<http://www2.fc.unesp.br/educacaoespecial/material/Livro10.pdf>>. Acesso em: 09/05/2017.

DANTAS, Viviane Andrade de Oliveira; ALVES, Jamille de Andrade Aguiar. **Dificuldades de leitura e escrita: uma intervenção psicopedagógica**. Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://educonse.com.br/2011/cdroom/eixo%252014/PDF/Microsoft%2520Word%2520-%2520DIFICULDADES%2520DE%2520LEITURA%2520E%2520ESCRITA.pdf&gws\\_rd=cr&ei=E-T2WNSHL4PJmQHy\\_pmYAw](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://educonse.com.br/2011/cdroom/eixo%252014/PDF/Microsoft%2520Word%2520-%2520DIFICULDADES%2520DE%2520LEITURA%2520E%2520ESCRITA.pdf&gws_rd=cr&ei=E-T2WNSHL4PJmQHy_pmYAw)>. Acesso em: 18/04/2017.

DELABETHA, Andiará; COSTA, Gisele Maria Tonin da. **Psicopedagogia e suas áreas de atuação**. Disponível em: <[http://www.ideal.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/230\\_1.pdf](http://www.ideal.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/230_1.pdf)>. Acesso em: 17/04/2017.

GUIMARÃES, Sílvia Brilhante. **Contribuições das habilidades metalinguísticas na leitura contextual: consciência fonológica e morfossintática**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppgpsicologia/files/2010/01/Silvia-Brilhante-Guimaraes.pdf>>. Acesso em: 17/04/2017.

LIMA, Maria Lécy Alves de Lima. **Consciência fonológica e habilidade de leitura na Síndrome de Down**. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/8583/1/PDF%20%20Maria%20L%20C%20A%20Alves%20de%20Lima.pdf>>. Acesso em: 03/11/2016.

LOPES, Flávia. **O desenvolvimento da consciência fonológica e sua importância para o processo de alfabetização**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572004000200015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572004000200015)>. Acesso em: 17/04/2017.

LUIZ, Flávia Mendonça Rosa e. et. al. **A inclusão da criança com síndrome de down na rede regular de ensino: desafios e possibilidades**. Disponível em: <[http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/11424/art\\_LUIZ\\_A\\_inclusao\\_da\\_crianca\\_com\\_Sindrome\\_de\\_2008.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/11424/art_LUIZ_A_inclusao_da_crianca_com_Sindrome_de_2008.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 25/04/2017.

MARTINS, Cláudia Cardoso; FRITH, Uta. **Consciência fonológica e habilidade de leitura na Síndrome de Down**. Disponível em: <<http://smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-alfabetizar-letrar/lecto-escrita/artigos/consciencia-%20fonologica.pdf>>. Acesso em: 03/11/2016.

MARTINS, Cláudia Cardoso; MICHALICK, Mirelle França; POLLO Tatiana Cury. **O papel do conhecimento no nome das letras no início da aprendizagem da leitura: Evidência de indivíduos com Síndrome de Down**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v19n1/31292.pdf>>. Acesso em: 31/08/2016.

PATERRA, Marcos Tadeu Garcia; RODRIGUES, Silvestre Coelho. **Atuação do psicopedagogo nos diversos contextos de dificuldades de aprendizagem nas instituições escolares.** Disponível em:

<<http://www.faceq.edu.br/regs/downloads/numero14/AtuacaoPsicopedagogo.pdf>>. Acesso em: 30/08/2016.

PINTO, Elza Rocha; **Conceitos fundamentais dos métodos projetivos.** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982014000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000100009)>.

Acesso em: 16/05/2017.

POLLO, Tatiana Cury. **Desenvolvimento da Leitura (e suas dificuldades).** Disponível em: <[http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/incluir/Desenv\\_da\\_Leitura.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/incluir/Desenv_da_Leitura.pdf)>. Acesso em 07/11/2016.

SAMPAIO, Simaia. **Manual Prático do Diagnóstico Psicopedagógico Clínico.** Rio de Janeiro, Wak Editora. 2014.

SARGANI, Renan de Almeida; ALBUQUERQUE, Ana. **Análise das estratégias de escrita de crianças pré-escolares em português do Brasil.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v20n3/2175-3539-pee-20-03-00591.pdf>>. Acesso em: 17/04/2017.

SILVA, Maria de Fátima Minetto da Caldeira Silva; KLEINHANS, Andréia Cristina dos Santos. **Processos cognitivos e plasticidade cerebral na Síndrome de Down.** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382006000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382006000100009)>. Acesso em: 03/11/2016.

SOUZA, Natalia Moreira de; WECHSLER; Amanda Muglia. **Reflexões sobre a teoria piagetiana: o estágio operatório concreto.** Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074217.pdf>>. Acesso em: 18/04/2017.

TANZAWA, Elaine Cristina Livieiro; MARTINS, Julia Graziela Nunes; BRENZAN, Sueli Gomes. **Psicopedagogia institucional: passos para a atuação do assessor psicopedagógico.** Disponível em: <[https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol\\_13\\_1307132500.pdf](https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_13_1307132500.pdf)>. Acesso em: 09/05/2017.

TÉDDE, Samantha. **Crianças com deficiência intelectual: A aprendizagem e a inclusão.** Disponível em: <[http://unisal.br/wp-content/uploads/2013/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Samantha-T%C3%A9dde.pdf](http://unisal.br/wp-content/uploads/2013/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Samantha-T%C3%A9dde.pdf)>. Acesso em 10/05/2017

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia Clínica: Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 13ed, 2003.

## **APÊNDICE**

### **APÊNDICE A**

#### **ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES**

- 1- Como se dá o dia a dia do professor-aluno?
- 2- Como é o ritmo de aprendizagem de A.A dentro da sala de aula?
- 3- Como é o seu comportamento e sua interação com a turma?
- 4- Qual o método de ensino utilizado?
- 5- Existe adaptação curricular?

## ANEXO

### ANEXO A

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa intitulada por “SINDROME DE DOWN E LEITURA: UMA CONTRIBUIÇÃO PSICOPEDAGÓGICA” está sendo desenvolvida por LUZIA MARIA PEREIRA DOS SANTOS, aluna do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da prof. Dra. Geovani Soares de Assis, cujo objetivo consiste em: Conhecer as contribuições da psicopedagogia para o desenvolvimento cognitivo do Down, através de um estudo de caso. A finalidade deste trabalho é contribuir cientificamente, para o esclarecimento desse assunto, abrindo espaços para o surgimento de novas pesquisas sobre a temática. Solicitamos a sua colaboração no sentido de participar da pesquisa, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos acadêmicos e publicações científicas. Informamos que será mantido o anonimato do participante.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.



Assinatura do participante da pesquisa

João Pessoa, 15/02/14

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com o endereço eletrônico: luziapereirasantos@outlook.com.br

## ANEXO B

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES**

- 1- Motivação para o trabalho escolar?
- 2- Ritmo de trabalho?
- 3- Constância no esforço?
- 4- Atitude em face de erros e/ou dificuldades?
- 5- Resposta às mudanças nas rotinas de trabalho?
- 6- Autonomia de trabalho?
- 7- Trabalhos em grupo?

Fonte: ALVAREZ, L; COMA, R. EAP B-28